

Vozes das Comunidades

Um jornal feito
pelas comunidades
a serviço
das comunidade

Outubro de 2008
Ano III N° 03

RENATO ROSA

Trabalhador ainda
sofre com más
condições de
trabalho. P. 5

Trabalhadoras do
Saara: muito
trabalho e poucos
direitos. P. 6

CSA: poluição,
miséria e morte
na baía de
Sepetiba. P. 7

Entrevista sobre
segurança pública
e Reforma
Agrária. P. 10 e 11

Na comunidade Mandacaru, no bairro da Maré, esgoto a céu aberto e muita pobreza

Ainda existe um lugar assim no Rio de Janeiro

OPINIÃO

Por que ser jornalista

Os meios de comunicação estão e sempre estiveram concentrados nas mãos de poucos.

Dos poucos que controlam toda a riqueza produzida no planeta.

Os meios de comunicação estão e sempre estiveram concentrados nas mãos de poucos. Dos poucos que controlam toda a riqueza produzida no planeta. Tenho certeza de que isto não é por acaso. É que eles perceberam que, através da comunicação, poderiam controlar o que quisessem, e conseguiram. Hoje, eles dominam sem deixar com que as pessoas percebam. Muito pelo contrário: a maioria acha que vive democraticamente.

O meu objetivo quando decidi ser uma jornalista é tentar transformar esse quadro. Mudar essa realidade. Quero mostrar a humanidade como ela é. Não quero esconder os fatos e muitos menos distorcê-los, como acontece na maioria das vezes.

O meu interesse nesta profissão é o de deixar o outro se expressar. Fazer com que a maioria da população, que somos nós, o povo, os excluídos, se expressem, falem, gritem e revelem o que sentem e o que sofrem todos os dias.

O objetivo é dar chance a todos de saberem que podem mudar a sua e a vida de muitos outros.

Mas para isso, é preciso que os grupos sociais, ong's, sindicatos, jornais, tv's e rádios populares, alternativos e ou comunitários se juntem para transformarem tudo isso. Não basta falar em igualdade. É preciso fazer, começar a praticar o que falamos e pensamos. E com isso, é necessário também, o respeito mútuo às diversas formas de pensar e falar.

É preciso lutar!!

CLAUDIA SANTIAGO



Gizele Martins é estudante de jornalismo da PUC-RJ e moradora do Complexo da Maré.



Acompanhe as nossas atividades

DEZEMBRO

De 4 a 6 | O Tribunal Popular: o Estado brasileiro no banco dos réus será realizado nos dias 04, 05 e 06 de dezembro de 2008, em São Paulo. Está sendo organizado por entidades ligadas à luta pelos Direitos Humanos e por uma série de Movimentos Sociais.

O debate "A violência do Estado brasileiro contra os que lutam por moradia: Movimentos sem-teto, comunidades despejadas e o povo da rua" marcará o lançamento nacional do tribunal. Será no dia 22 de outubro, às 19h, na Sala dos Estudantes da Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco, em São Paulo.

NOVEMBRO

08 | Seminário sobre Conferência Nacional de Comunicação, no Clube de Engenharia, das 9 às 18h.

20 | Dia de Zumbi dos Palmares

JANEIRO - 2009

De 27/01 a 1/02 | O Fórum Social Mundial 2009 será realizado entre os dias 27 de janeiro a 1º de fevereiro, em Belém, no Estado do Pará – Brasil.

EXPEDIENTE - Outubro de 2008

Vozes das Comunidades - Jornal do Curso de Comunicação Comunitária do NPC
Endereço: Rua Alcindo Guanabara, 17, sala 912 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
Telefone (21) 2220-5618

Jornalista responsável: Claudia Santiago • Diagramação: José Carlos Bezerra

• Agradecimento: J. R. Ripper / Latuff / Luisa Santiago / Raquel Junia / Sheila Jacob

Apoio: Fundação Rosa Luxemburgo e Sindicato dos Engenheiros (RJ)

Equipe

Alaiane de Fátima dos Santos
Alessandro dos Santos
Amanda Maria Wanderley
Antonia de Maria Melo Cardoso
Augusto Cesar dos Reis Leitão
Claudia Santiago
Cynthia Rachel
Claudio Amaro Carlos da Silva
Derval Silva de Oliveira
Douglas Batista Mendonça
Douglas Pego
Fabiola da Silva Camargo
Felipe Eduardo Flor dos Santos
Francisco Lucio Macedo

Gean Queiroz de Souza
Gizele de Oliveira Martins
Gláucia Marinho
Jéssica Santos
Joana da Conceição Costa Campos
José Carlos Alves Bezerra
José Jorge Santos de Oliveira
Katarine Flor da Costa
Kátia Nicaccio da Silva
Laudelina de Almeida Ferreira
Marcela Figueiredo
Rita de Cássia S. Lima
Rodrigo F. dos Santos
Tays Freitas

AUSÊNCIA DO ESTADO

Em comunidade da Maré, saneamento básico é luxo

Crianças são mordidas por ratos na região conhecida como Mandacaru

RENATO ROSA

Gizele Martins

Mandacaru, uma das 16 comunidades da Maré, sofre com a falta de políticas públicas, desde postes de iluminação até a falta de habitação, que ainda é precária. Todos residem em barracos. Doença e desemprego também são outros dilemas enfrentados por eles.

Os moradores também sofrem com a ausência de saneamento básico, os esgotos estão todos a céu aberto. Segundo a agente comunitária Elizabeth Bento, de 53 anos, os piores dias são os de chuva.

Sufrimento nos dias de chuva

"Fui visitar um senhor que está doente e no caminho acabei caindo, machuquei minha perna. Não temos condições de andar aqui. Recebemos sempre muitas reclamações. As crianças, por exemplo, estão com alergia, entre outras várias doenças que surgem nessa época", diz.

Cecília Jandira, de 50 anos, moradora de Marcílio Dias, também fala sobre a situação de Mandacaru. "É muito esgoto, em alguns lugares nem luz tem. O que precisa é de uma melhoria geral para toda a comunidade. É necessário combater os ratos. O lixeiro só passa duas vezes na semana. Não temos carteiro, todas as cartas são entregues na associação, o que é muito complicado", comenta.

Crianças sofrem com mordidas de ratos

A ausência do Estado na comunidade é percebida pelos moradores, que demonstram conhecerem seus direitos. A cozinheira Maria Dalva Martins, de 53 anos, que mora no local há 14, conta como os netos foram mordidos por ra-



Os dias de chuva são os piores na comunidade Mandacaru

tos e diz que o Estado não os atende.

"O que sei é que temos direito à moradia, mas não temos casa. Nós estamos aqui abandonados pelo governo, pela prefeitura, não temos nada. Eu tenho uma neta toda mordida de rato, ela já fez quatro cirurgias plásticas no rosto, ficou toda mordida. Meu outro neto também foi mordido de rato. Estamos à mercê das ratazanas. Uma vizinha acabou de morrer com dengue hemorrágica. Isso é muito complicado, não temos nem médicos no posto daqui, temos que ir para os hospitais, e isso quando somos atendidos", conclui.

Gizele Martins é estudante de jornalismo da PUC-RJ

“ Fui visitar um senhor que está doente e no caminho acabei caindo, machuquei minha perna. Não temos condições de andar aqui. Recebemos sempre muitas reclamações. As crianças, por exemplo, estão com alergia, entre outras várias doenças que surgem nessa época. ”

Nosso JORNAL

NPC aposta na comunicação comunitária

Os trabalhadores têm direito a ter a sua própria imprensa

Claudia Santiago

O Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) realizou, de junho a outubro, no Rio de Janeiro, o seu curso de Comunicação Comunitária.

Esta é a terceira vez que o grupo, formado por jornalistas, professores e formadores políticos, promove este tipo de atividade.

Os alunos são selecionados através dos cursos de pré-vestibulares comunitários e também de movimentos como o de luta pela moradia. Têm prioridade moradores de favelas que estudaram ou estudam comunicação social.

Foram ministradas aulas de técnicas de entrevista, rádio, redação e também com forte conteúdo político. A história esteve presente durante todo o tempo. Um outro momento foi o de reflexão sobre a cidade do Rio de Janeiro.

De tudo isto, resultou este jornal que está sendo distribuído pelos próprios alunos em suas comunidades, escolas ou locais de trabalho.

Este curso foi realizado com o apoio do Instituto Rosa Luxemburgo. Nesta página estão alguns momentos do curso.



Em cima, o grupo com a economista Sandra Quintela e em intervalo das aulas, no terraço do Senge-RJ

CLAUDIA SANTIAGO



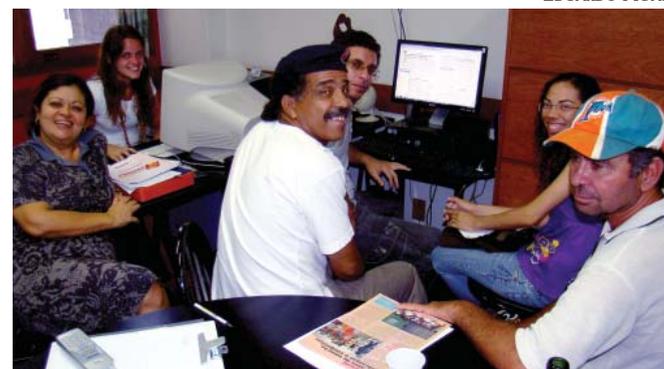
EDUARDO NUNES



Jéssica Santos aprendendo a diagramar

CLAUDIA SANTIAGO

O jornal Vozes da Comunidades sendo diagramado, na sede do NPC



CLAUDIA SANTIAGO

CLAUDIA SANTIAGO

Fotos feitas durante as aulas, no Sindicato dos Engenheiros e em almoço, na Cinelândia, depois de uma sessão do Projeto Domingo é Dia de Cinema



AMANDA WANDERLEY



CLAUDIA SANTIAGO



BRASIL: TAXA DE DESEMPREGO VAI A 7,6 %

Trabalhador ainda sofre com más condições de trabalho

Todo trabalhador tem direito a uma hora de almoço, mas nem todos os empregadores respeitam.

Katarine Flor da Costa

Patrícia Souza de Assis de 22 anos, vendedora, trabalha nove horas e meia por dia, de segunda a sexta, e seis horas aos sábados com apenas meia hora de almoço.



"Quando eu entrei aqui o combinado era uma hora, mas se fico uma hora reclamam [a gerente]". Em seu contrato de trabalho a carga horária estipulada é de seis horas.

De acordo com ela, o trabalho é muito cansativo, "o certo era ter pelo menos uma hora para descansar já que ficamos muito tempo em pé". E o mesmo diz o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio "o funcionário tem direito a uma hora de almoço."

Patrícia está há dois meses em contrato de experiência, mas não pretende ficar na empresa. Segundo ela, a carga horária é muito extensa e interfere em sua vida familiar. "Só no final de semana que eu

vejo a minha filha, eu saio cedo e ela ainda está dormindo e quando eu chego, ela já está na cama."

O exemplo de Patrícia mostra que as relações de trabalho são muito exaustivas. "Você se dedica muito a uma coisa que não é sua. As vendas dependem do dia. Tem dia que vende mais, tem dia que vende menos. Mas você é cobrado, tem que vender aquilo que determinam", comenta a vendedora.

Diante dessa situação, no tempo livre que resta o assalariado busca reabilitar-se para enfrentar novamente o trabalho. Para tanto, qualquer esforço não é tido como prazer, inclusive o esforço intelectual.

Patrícia deseja continuar seus estudos, mas, segundo ela, o cansaço físico e mental a impede. Em seu tempo livre ela só quer descansar e não preocupar-se com nada.

Os danos do desemprego

Entre os danos causados pelo desemprego, a desestabilização das condições de trabalho é um dos problemas já conhecidos pelos trabalhadores no Brasil. Nesta condição de insegurança, as pessoas transitam entre contratos por tempo determinado, contratos de experiência e bicos, que surgem como uma maneira de minimizar a realidade.

Muitos são os trabalhadores que sofrem com os subempregos, que frequentemente violam as leis trabalhistas. Estes tipos de empregos são caracterizados pela instabilidade e os baixos salários, que se assemelham ao desemprego e à pobreza.

Emprego qualificado está em falta

O trabalho temporário, com toda sua precariedade, às vezes inclui também pessoas qualificadas. Como é o caso de Josiane Pereira dos Santos de 24 anos, recém formada em publicidade.

Apesar de sua qualificação, Josiane não consegue emprego na área. Segundo ela, "a falta de experiência e indicação atrapalham muito". Durante o período de faculdade chegou a procurar estágios, mas a chamada bolsa-auxílio oferecida não era suficiente para pagar a faculdade.

Josiane Santos ficou desempregada por três meses e agora está trabalhando como auxiliar administrativo, em contrato de experiência. "Estou gostando, mas acho que deveriam pagar um pouco mais devido as inúmeras funções que eu executo." Ela está contratada com um salário mínimo mais um pequeno valor "por fora". "O que mais me in-

comoda é que a empresa não paga os impostos devidos e com isso, não vou receber meus benefícios em cima do valor total que eu realmente ganho", diz.

Mercado exige qualificação

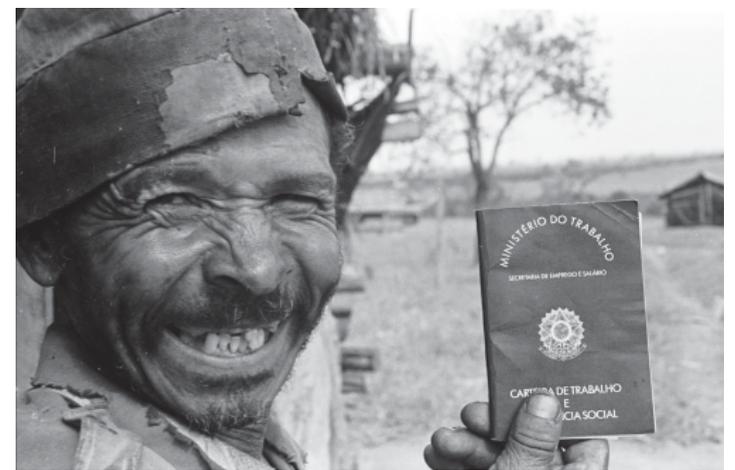
Já Ana Maria, de 49 anos, está desempregada há três, procurou emprego durante os dois primeiros anos em que estava desempregada, mas, desestimulada, desistiu. "Sempre que ia procurar vagas, a idade estava sempre acima da média". Outro agravante seria a falta de qualificação. "Eu não tenho condições de alcançar a qualificação exigida pelo mercado, informática, curso superior ou técnico".

Pessoas como Ana Maria, que cansaram de buscar vagas, não entram nas estatísticas apresentadas na grande mídia, pois não estão procurando emprego no

momento.

O IBGE considera apenas desempregados os que procuraram emprego nos trinta dias anteriores à pesquisa. E aqueles que tiveram ocupações precárias na semana anterior ao questionário também não contam como desempregados.

Os dados estatísticos deixam escapar a situação de pobreza e descaso a que são submetidos os trabalhadores no Brasil. Desemprego vai além da falta de ocupação para grande parte da população. É também as péssimas condições de trabalho



A conquista da carteira de trabalho

que pesam sobre os assalariados. Em busca da redução de dados estatísticos, o discurso oficial torna precário o emprego, leva cidadãos a ociosidade obrigatória e a imposição de condições indignas de trabalho.

J. R. RIPPER

RIO DE JANEIRO - TRABALHADORAS DA SAARA

Como vivem essas mulheres?

Apesar de serem responsáveis pelo movimento da economia local, elas ganham pouco e quase não possuem direitos

Alaiane dos Santos

O relógio marca 8h50 enquanto as portas de ferro se abrem. As araras com seus penduricalhos tomam contam das calçadas. As caixas de som da rádio espalhadas pelos postes tocam o hino nacional.

A multidão invade aos pouco as onze ruas do comércio popular. Daí pra frente iniciam-se as atividades na Saara. "Pode chegar freguesa", "Qualquer coisa meu nome é Cláudia", "vai levar hoje toalhas de mesa natalinas a R\$ 10,00", "Colega, compra uma jujuba pra me ajudar?".

As vozes surgem de todos os lados com a intenção de atrair quem passa para comprar. Mas quem são as (os) donas (os) dessas vozes?

Das 5 às 22 horas

São 5h, Carla moradora de Jardim Gramacho, no município de Duque de Caxias, acorda. Faz comida, acorda as filhas (4 e 10 anos), tomam café. Às 6h, as meninas ficam na casa da vizinha e Carla segue até o ponto de ônibus. Às 8h20, depois de um longo engarrafamento e ônibus lotado, chega à Central do Brasil. Uma caminhada de 15 minutos e finalmente preparar a loja para abrir às 8h50.

Esta é a realidade de centenas de trabalhadoras do comércio popular. Moradia distante do trabalho, transporte precário, longa jornada, tarefas domésticas, fazer um extra no fim de semana. Sorriso no rosto mesmo com os olhos sombrios, pois é necessário agradar a clientela para garantir a comissão.

Vendedoras, ambulantes, gerentes, faxineiras, quitandeiras... a diferença é quase nada. Dia após dia são elas que garantem a economia girar no mercado de trabalho, alheias a todos ou a maioria dos direitos. E são elas também que dão conta de cuidar, lavar, passar, cozinhar, arrumar... casa, filhas (os), companheiros (as)...

São 22h, Carla chega em casa e suas filhas já estão dormindo. Vai fazer janta, preparar marmita e fazer bijuterias para vender na feira no fim de semana. Tarefa cumprida, é hora de dormir porque amanhã outra jornada se inicia.



Comerciárias são coagidas a não buscarem direitos na justiça

Após trabalhar cinco anos de carteira assinada numa loja de roupas femininas, Patrícia foi mandada embora, quando quis acertar as contas com o patrão ele disse: "vá procurar seus direitos". O motivo de ter sido mandada embora: não aceitou ir tomar um chopp com ele depois do trabalho.

"Quería processá-lo, mas tenho medo de não conseguir mais voltar a trabalhar aqui". As trabalhadoras que

entram com processo judicial para receber o que é de direito, ficam mal vistas pelos outros patrões que não querem ser processados também, por isso muitas acabam desistindo.

Esta não é uma realidade apenas das mulheres trabalhadoras da Saara, dados do IBGE comprovam que somente 37,8 das mulheres trabalhadoras têm carteira assinada e mesmo com maior escolaridade, ainda recebem salário mais

baixos 71,3% relativo aos dos homens.

Se por um lado as novas tecnologias e o capitalismo contribuíram para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, por outro reafirmam a exploração feminina dentro e fora de casa. A sociedade brasileira não pode mais ser conivente com as condições que colocam as mulheres como as únicas responsáveis domésticas nem com a discriminação nos espaço público.

Gravidez na adolescência cresce na Cidade de Deus

Nesta comunidade, o elevado índice de casos de gravidez na adolescência figura como o dobro da média carioca. Enquanto no Rio de Janeiro o percentual fica em 7,5%, a comunidade apresenta 13,8%, segundo dados do IBGE.

Os jovens vivem sua primeira experiência sexual sem se preocupar com a concepção.

A maioria dos adolescentes vê o prazer sexual como um fenômeno natural e não se importa com a gravidez por considerar que não corre nenhum risco.

A gravidez precoce não está ligada apenas à desinformação, ou à falta de meios concretos de planejar a natalidade, mas aos valores que

orientam os jovens em suas atitudes. Entre jovens pesquisados, apenas 3% concluíram o Ensino Médio.

A maioria já tem outros filhos, e não apresenta nenhuma preocupação com seu corpo ou com uma qualidade de vida que os possibilite ficar longe de um cenário de risco, pois é usual a troca de parceiros sem os cuidados preventivos recomendados.

Outro fator preocupante em relação a este grupo da comunidade é o

aumento da prostituição entre os adolescentes, contribuindo também para elevar os índices de casos de adolescentes grávidas.

A pressão dos amigos

O fator cultural ganha relevância, entre os jovens, pois aquele que não apresenta uma sexualidade ativa pode ser denominado: "mané", "atrasado", ou seja "perdeu o bonde" e vai ficar fora do contexto. Entre as meninas a que as-

sume ainda ser virgem acaba sendo discriminada e motivo de gozação em seu grupo social.

A gravidez precoce interrompe o período da infância, da formação educacional, etc...

Essa faixa etária vulnerável por não aprender a prevenir a concepção, como também as infecções do HIV/DST, carece de políticas de saúde que dissemine a educação sexual entre a população jovem.

RIO DE JANEIRO - ZONA OESTE

CSA compromete vida humana e fauna na Baía de Sepetiba

O conglomerado CSA (Companhia Siderúrgica do Atlântico) tem causado poluição, miséria e morte na Baía de Sepetiba, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. As obras da siderúrgica e do porto em Seropédica comprometem a sobrevivência da população local e destróem o meio ambiente.

J. R. RIPPER

Gean Queiroz

Em setembro de 2006, o projeto de construção de uma siderúrgica foi iniciado em Sepetiba, zona oeste do Rio de Janeiro. A companhia alemã Thyssenkrupp, em parceria com a Vale do Rio Doce, investiu nesse projeto 3 bilhões de euros, mais de 7 bilhões de reais.

A população local não foi consultada quanto à construção da siderúrgica. São 8 mil pessoas que viviam da pesca do robalo, da corvina e do camarão. Agora, esses trabalhadores não têm mais de onde tirar o pão de cada dia como faziam há mais de 200 anos na região. As obras da siderúrgica estão acabando com a diversidade de espécies. Os peixes já não aparecem mais na baía por causa da poluição e da alta atividade das máquinas imensas.

O dinheiro para a devastação é público

Com o discurso de trazer desenvolvimento econômico, empregos e com falsa preocupação ambiental, a Thyssenkrupp conta com o apoio fiscal do governo federal, empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e ainda tem licença da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA).

Além de explorar nossa força de trabalho, energia e riquezas naturais, a empresa ainda suga o dinheiro público, que deveria atender as necessidades da população. São os recursos públicos usados para concentrar ainda mais as riquezas nas mãos de um pequeno grupo. Pior é que a produção da devastadora siderúrgica vai ser to-



Gaivotas não querem morrer

talmente exportada para os Estados Unidos e Europa. A sujeira e a devastação são feitas aqui e a riqueza escoada pelos portos para o exterior.

Trabalhadores morreram contaminados

Houve denúncias da morte de 83 trabalhadores entre pescadores e funcionários. A empresa lançou lama contaminada com metais pesados no fundo da baía, que é uma área de preservação ambiental. Movimentos sociais pedem a revisão da licença que a FEEMA conce-

deu à empresa. O caso foi levado a fóruns internacionais e conta com a atenção de órgãos alemães.

A empresa diz em seu site que esse é o investimento que garantirá a ela mesma "um futuro de sucesso duradouro". O conglomerado e os seus aliados deveriam se envergonhar pelas mortes, pela miséria dos pescadores, pela destruição do meio ambiente, uso de dinheiro público, exploração dos trabalhadores e recursos naturais e energéticos de nosso país.

Cabe aos cidadãos brasileiros serem solidários na luta desse tuba-

rão internacional contra os peixinhos trabalhadores da Baía de Sepetiba. Além disso, colocar as necessidades humanas antes do lucro e questionar se o Brasil alguma vez, ao longo de seus 508 anos, foi o país de todos.

Fontes:

Globo online Economia, 29/06/08, por Érica Ribeiro;

Website da Empresa Thyssenkrupp Informativo nº 21 do Pacs (Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul)

Artigo da *Eco & Ação*

EDUCAÇÃO

Pré-vestibular de Sindicato comemora cinco anos de luta e conquistas

Movimento Sindical vai além dos objetivos imediatos dos trabalhadores

Gean Queiroz

O projeto Pré-vestibular para trabalhadores do Sindicato dos Empregados em Empresas de Processamento de Dados do Rio de Janeiro (Sindpd-RJ) completou cinco anos de atuação no dia 23 de agosto. O curso é uma co-gestão da professora e coordenadora Marlana Monteiro, dos alunos e professores voluntários. No dia 30, o grupo festejou o sucesso e, principalmente, a maturidade que o curso atingiu em 5 anos.

O curso surgiu para atender as necessidades dos trabalhadores. O objetivo é ajudá-los a entrar na tão concorrida e sonhada universidade pública. Porém, o diferencial é a atmosfera de solidariedade. E isso é o grande orgulho dos envolvidos no projeto. Não há pressa de passar no primeiro ano de vestibular. Importante é construir visão crítica da sociedade e caminhar sempre.

Mais do que aulas

O almoço oferecido nos dias de aula é feito em coletividade por grupos que

se revezam a cada semana. Toda decisão a ser tomada conta com a opinião de todos envolvidos e considera as possibilidades de tempo, dinheiro e capacidade de aprendizagem.

Além da sala de aula, o aluno aprende com vídeos da Cinemateca e outras atividades como visitas e aulas externas. Também participam de projetos como Domingo é Dia de Cinema, Fórum de Educadores

Populares e assembleias populares.

Tanto trabalho e esforço têm gerado resultados. Alunos como Luciana e Kom estão gratos por terem conseguido entrar na UERJ. Mesmo assim, continuam no projeto incentivando os companheiros e aprendendo a ler o

mundo. No entanto, o que mais dá alegria à coordenadora e aos professores são relatos como o da aluna Jane Souza.

"Quem vem de escola pública é carente de conhecimento pela falta de educadores e políticas de ensino de qualidade. O pré me ensina não só a passar no vestibular, mas também a ter senso crítico e leitura de mundo. Aqui é uma escola de vida, eu sou bem melhor hoje do que antes.

O pré me ensina não só a passar no vestibular, mas também a ter senso crítico e leitura de mundo. É uma escola de vida



Marlana, coordenadora do pré do Sindpd, entre alunas

Aprendi a ser mais humana e reivindicar meus direitos, ajudar o próximo e desconstruir conceitos pré-estabelecidos pela sociedade", conta Jane.

Os participantes do pré-vestibular já pensam em buscar novos horizontes. Há um projeto de parceria com a PUC-Rio para oferecer um pré-técnico para professores, alunos e ex-alunos. Os estudantes ficam cada vez mais motivados e atuantes.

Com muita música e animação, os

alunos e colaboradores comemoraram esse projeto que possibilita sonhos, forma cidadãos conscientes e cultiva a solidariedade.

"O que mais me motiva são os relatos de aprendizado dos alunos. Eu aprendo com eles e eles comigo. Às vezes, "procuro sarna pra me coçar" e acordo quebrada pelas constantes atividades do projeto, mas vale à pena!" expressa, a coordenadora Marlana, orgulhosa, ao som do forró.

EDUARDO NUNES



Alunos chegam para Domingo é Dia de Cinema

Sétima arte é uma ferramenta de educação

O projeto Domingo é Dia de Cinema existe há oito anos e consiste na exibição de filmes e uma posterior discussão para alunos de Pré-Vestibular Comunitários. O vestibular que será feito por esses alunos no final do ano conta como critério de seleção de filmes e assuntos, juntamente com a preocupação com o crescimento político e so-

cial dos jovens por meio da sétima arte.

O projeto cultural é desenvolvido pelo Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), pelo Grupo Estação e por Pré-vestibulares comunitários. As sessões de cinema têm preços populares (R\$ 2,00) e são realizadas uma vez por mês no Cinema Odeon Petrobras, no Centro do Rio de Janeiro.

MÚSICA

Como é bom saber tocar um instrumento

Aluna do Curso de Comunicação Comunitária: revelação no violino

Tays Freitas

Você gostaria de aprender a tocar algum instrumento? Qual? Saber tocar um instrumento é ter uma relação mais íntima com a música e reconhecer o poder dela sobre as pessoas. É viver da música e para a música. O bom músico tem o dever de levar a música às pessoas e o direito de ser reconhecido por isso.

Nunca é tarde para aprender a tocar

um instrumento. Contudo, os maiores músicos e compositores tiveram contato com a música entre 3 e 8 anos de idade. Só precisam de três coisas: iniciativa para querer aprender, disciplina e gostar da "coisa". O aperfeiçoamento vem com o tempo, junto com a experiência e o estilo de interpretar. Muitos idosos que não estudaram música por falta de tempo ou de oportunidades, hoje, aposentados, participam de ofici-

nas de música, cantam em coral, frequentam teatros e assistem a concertos musicais.

A música possibilita às pessoas capacidade de expressar seus sentimentos, de moldar sua personalidade. Um instrumentista aprende a interagir em grupo e a conscientizar-se, como comenta o músico Luiz Felipe.

"A prática de tocar um instrumento pode "consertar" uma criação errada, trazendo valores e pureza de mente para algumas pessoas. Além de ajudar a desenvolver áreas do cérebro que normalmente não seriam estimuladas", diz Luiz, estudante de violino da UFRJ.

A música melhora a qualidade de vida de enfermos

A música também tem o poder de reanimar pacientes internados e de prevenir doenças como o câncer. Além disso, existe uma área que é associada com a fisioterapia, denominada musicoterapia. É a terapia com música, que alivia o estado de saúde e cura enfermidades de pacientes doentes. Um músico ou percussionista ao executar um som musi-

cal, provoca diferentes sensações no indivíduo, e assim, reações que contribuem para sua recuperação.

Tocar um instrumento é muito mais que simplesmente satisfazer a si mesmo. É saber enxergar as coisas do mundo com sentimentos, por um ângulo mais bonito, é libertar a alma e deixar que ela mesma se expresse. E por que não curar os corações empedrados?

Um musicoterapeuta tem a função de provocar reações de um paciente, provocar estímulos cerebrais para que o mesmo manifeste movimentos físicos musculares ou nervosos. Um músico, por conviver diretamente com a música, possui menor probabilidade de adquirir algumas doenças. O câncer, por exemplo, é uma delas. Os músicos também são menos depressivos e estressados. Eles controlam melhor a raiva e a ansiedade.

O bom de saber tocar um instrumento é presenciar o dom de se comunicar por sons. É sermos capazes de alegrar uma pessoa e até mesmo curar sua enfermidade. A música nos faz viver a vida de uma forma melhor.

JÉSSICA SANTOS



Tays é aluna do Pré-vestibular Comunitário do Sintuperj

PERSONALIDADE

Uma vida a serviço do povo e da comunidade

Pe. Julio Grooten, holandês que chegou ao Brasil em 1967, fez deste país a sua pátria e da Cidade de Deus, por muitos anos, a sua morada

Antônia Cardoso, Derval de Oliveira e Felipe dos Santos

As dificuldades para o religioso foram muitas, mas a certeza no evangelho foi maior tornando-o referência para muitos de sua comunidade e vizinhança. Sua maior luta foi contra o preconceito que muitos tinham pela Cidade de Deus. Para o padre o que mais importava era luta diária pela dignidade.

Dona Conceni Fortunato, 41 anos, nos conta que, quando criança, queria ser freira; e o padre a mandou brincar mais de boneca. Disse-nos também que trabalhou na revolucionária creche criada por Padre Julio: "O sistema da época para as creches não funcionava muito

bem, pois os assistentes sociais exigiam a presença dos pais, em alguns momentos, durante o dia, horário de trabalho de muitos. Então o padre, com a ajuda da comunidade e com doações vindas da Holanda, criou uma creche gratuita que pedia a presença dos pais, mas durante a noite", relata.

Uma vida dedicada ao povo

Tantas outras obras foram feitas e iniciadas durante sua estadia na Cidade de Deus como curso de reciclagem, artesanato, readeiras, reforço escolar, colônia de férias e outras que visavam o bem comum não só aos católicos.

Por estas e tantas outras coisas, o padre foi convidado por governantes da

época para representar a comunidade, junto com pastores e espíritas para reuniões que tinham com o objetivo melhorias para o local.

Não havia descanso nem para dormir, pois por inúmeras vezes era acordado para levar alguém ao hospital ou por tiroteios que eram frequentes.

Perguntado como ele conseguia viver em um lugar perigoso deu essa resposta: "As pessoas que estão o tráfico, fazem isso porque não tiveram melhor opção. Sei que sou padre porque tive esta opção. Não tenho medo! Eles têm por mim respeito e eu por eles, é só isso". Passados cinco anos de sua morte, o mito Padre Júlio continua vivo na mente de muitos e na história da Cidade de Deus.

Foto: Arquivo



Padre Júlio

ENTREVISTA COM ASSESSOR DO DEPUTADO MARCELO FREIXO

Segurança pública é uma questão política

Fabiola Camargo

O deputado Marcelo Freixo (PSOL-RJ) tem denunciado a chamada "banda podre" da polícia e proposto políticas de Segurança Pública diferentes da que estamos em contato em nosso dia-a-dia. Nesta entrevista, Roberto Morales, assessor de Marcelo, fala sobre segurança pública no Rio de Janeiro.

Voz da Comunidade - O que você entende por Política Pública?

Roberto Morales - Numa sociedade profundamente dividida, em cujo interior o fosso entre as diferentes classes e camadas sociais chega a uma situação na qual os 10 % mais ricos abocanham 75 % da riqueza, as políticas públicas estão chamadas a ocupar um lugar importante enquanto ações institucionais destinadas a diminuir estas diferenças.

Mesmo não superando as injustiças estruturais inerentes ao sistema capitalista são políticas necessárias e bem-vindas, desde que não sejam manipuladas pelos governantes transformando-as em medidas assistencialistas e populistas.

Voz da Comunidade - Qual sua opinião sobre a Segurança Pública do governo do Estado?

Morales - É importante dizer que a Segurança Pública no Estado tem caráter patrimonial, ela procura proteger os bens dos ricos, das grandes empresas, mas não cuida do cidadão.

Por outro lado, repete a lógica do regime militar que procurava o extermínio do inimigo ocupando seus territórios. Desta forma, o Estado só se faz presente nas comunidades através da ação violenta da polícia alimentando a lógica da guerra. Não há escolas, postos de saúde nem políticas públicas geradoras de emprego e renda.

O Estado nada oferece à juventude diferente do banco dos réus ou "balas perdidas". Esta polícia despreparada e que recebe baixos salários é a que mais mata no mundo (quatro pessoas por dia) e também a que mais morre.

Voz da Comunidade - Proposta de Segurança?

Morales - Nós entendemos que uma

política de Segurança Pública para o estado do Rio de Janeiro tem que colocar em primeiro lugar o bem-estar do cidadão. Isso não se faz com armamento pesado e caveirões, nem reduzindo a idade penal para 16 anos. É necessário agir com inteligência investigativa, investir na formação e pagar salários decentes a estes profissionais.

É preciso rever todo o sistema prisional que hoje não recupera o detento para o convívio na sociedade e agilizar o cumprimento da Lei de Execuções Penais. Mas, principalmente, o Estado terá que investir em educação, saúde, saneamento, esporte, lazer e geração de empregos, principalmente para a juventude, que é a maior vítima deste processo.

Voz da Comunidade - Como tem sido a atuação do Deputado Marcelo Freixo frente às milícias e a chamada banda podre da polícia?

Morales - A primeira intervenção do mandato na ALERJ foi apresentar um pedido de CPI que investigasse as milícias. Como só podem tramitar sete comissões ao mesmo tempo, a nossa ficou na fila. Só com a repercussão que teve o caso do seqüestro e tortura pela milícia, de uma equipe do jornal *O Dia*, o caso ganhou repercussão e foi instalada a CPI, cabendo a presidência ao deputado Marcelo Freixo.

Esta CPI já provou que estas organizações estão incrustadas nos legislativos e que buscam o poder político. Já propiciou a prisão de muitos de seus integrantes, inclusive de parlamentares, e provou a existência de uma "reserva de mercado de votos" nas comunidades por eles controladas, configurando um brutal ataque à democracia.

Também ficou provada a cobrança de taxas de segurança particular, o controle do transporte alternativo, a venda de gás a preços extorsivos e

EDUARDO NUNES



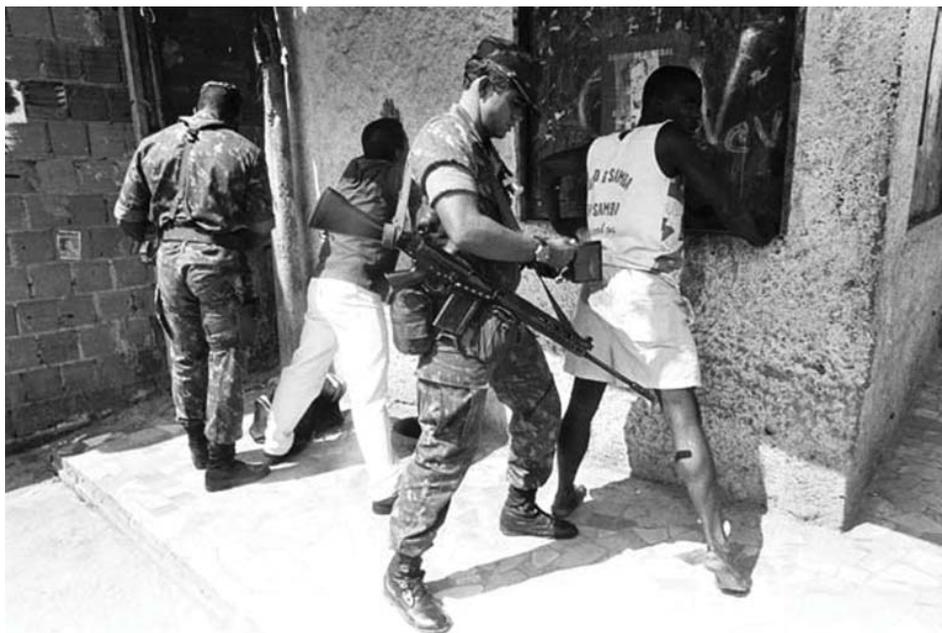
Marcelo Freixo (Psol-RJ)

o gerenciamento do "gatonet". Porém, o mais importante é ter conseguido mudar a visão que se tinha das milícias. Esta vitória política significa um ganho de consciência da população fruto de uma ação que, acima de tudo, se mostrou pedagógica.

Foi desconstruída a lógica nefasta de César Maia e Eduardo Paes em defesa das milícias como "um mal menor" ou mesmo uma solução para combater o narcotráfico. Hoje está claro que, por todas as implicações descritas acima, as milícias são o pior dos males, já que utiliza a máquina do Estado para praticar crimes de todo tipo.

No marco do combate à "banda podre" da polícia, a cassação do ex-chefe de polícia e deputado Álvaro Lins, já tinha sido pedida pelo nosso mandato.

Após a primeira prisão e posterior soltura, devido a vergonhosa votação na ALERJ, a pressão da mídia e da sociedade aumentou a tal ponto que o pedido de cassação apresentado anteriormente pelo deputado Marcelo Freixo foi desarquivado e reapresentado, possibilitando assim sua exclusão da ALERJ e nova prisão, na qual se encontra hoje respondendo a inúmeros processos.



J. R. RIPPER

Foto feira na Mangueira durante ocupação do Exército

ENTREVISTA COM JOÃO PEDRO STÉDILE

"A terra não pode ser mercadoria"

É claro que a oportunidade de entrevistar João Pedro Stédile, da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) não poderia ser perdida. Depois do debate no projeto Domingo é Dia de Cinema, do qual João Pedro participou no dia 6 de julho, compartilhamos com ele uma mesa de almoço, ao lado do cinema, e umas duas horas de conversa. Confira aqui as idéias que trocamos com ele.

Por Amanda Vanderley, Fabíola Camargo, Francisco Macedo, Geam Queiroz de Souza, Gláucia Marim, Katarine Flor da Costa, Marcella Figueiredo e Rita Lima

Voz da Comunidade - Como o MST lida com a repressão policial?

João Pedro Stédile - A repressão da polícia depende da correlação de forças em uma luta de classes. Nos períodos em que nós, dos movimentos sociais, estamos em descenso, a polícia acaba sendo violenta. No período em que vimos um reascenso dos movimentos de massa, aí a força das massas abafa essa violência.

No início desse ano, em março, os companheiros de São Paulo ocuparam uma usina lá em Ribeira [São Paulo], umas 200 famílias, não é pouco, mas também não é muito. A polícia de São Paulo veio. Foi a primeira vez que nós vimos um despejo usando helicópteros.

Eles jogavam as bombas de gás lacrimogêneo dos helicópteros. Um terror. Por que a polícia fez isso? Porque percebe que o grupo é pequeno e que a correlação de forças é favorável a eles. Então, como eles dizem, vão para arrasar, para dar uma lição.

Agora, em 1987, eu participei de uma ocupação de uma grande fazenda do Rio Grande do Sul, com 14 mil hectares. Todo mundo quis ir.

No dia da ocupação, foram duas mil famílias. Chegaram pai, mulher, criança, cachorro, papagaio, tudo. Chegou um batalhão de seis soldados, à noite, para reprimir a ocupação, porque o fazendeiro era muito poderoso.

Sabe o que a polícia fez quando foi

reprimir um movimento com duas mil famílias? Ela ficou organizando o trânsito. Seis soldados, ao invés de reprimir, tiveram que organizar o trânsito. Isso é correlação de forças. A própria polícia se dá conta de que lado o vento vai indo.

Não se pode ser paranóico quanto à repressão. A polícia é um ente do Estado, portanto, reflete o estágio de luta de classes na sociedade. Se a luta de classes é favorável à classe trabalhadora, todas as contradições da sociedade vão estar dentro da polícia também.

Por último, a polícia por ser um organismo social, evidentemente que, dentro dela as pessoas se comportam de acordo com as classes sociais. Então, lá na polícia você vai ter gente boa, gente sacana, gente de esquerda. Não se pode tratar unicamente que todo policial é safado. Ele sofre as mesmas contradições do povo.

Voz da Comunidade - Como é a relação do trabalhador rural, militante do MST, com a propriedade de terra?

Stédile - Todo camponês sonha em ser dono da terra. Mas ser dono da terra como camponês não é a mesma relação do proprietário privado da terra, capitalista, que vai usar a terra para explorar o outro.

O camponês quer ser dono e é claro que tem um germe de individualismo aí. Mas na cultura dele, a vontade de ser dono está mais relacionada com a segurança da sua família, até porque ele sempre foi pobre e sempre trabalhou para os outros.

Quando o camponês tem a oportunidade de ter um pedaço da terra, ele que

ser dono para ninguém expulsá-lo dali. O "isso é meu" não é uma relação com a terra para explorar o outro.

Porque o capitalista usa a propriedade privada da terra pra quê? Pra aumentar o controle sobre a natureza e explorar o trabalho de alguém.

O dono não trabalha, já o camponês trabalha todo dia. O camponês tem outra visão, não é ser dono no sentido de explorar as outras pessoas.

Agora, do ponto de vista jurídico, de fato é uma contradição. Conquistada a terra e o governo dá o título. E aí a terra você não usou para explorar, mas você usou como mercadoria e entrou na lógica do capitalismo.

A terra não pode ser mercadoria, essa é a nossa luta, ela é um bem da natureza. Então, como procuramos nos precaver disso? Primeiro, fazemos um trabalho com o camponês para ele se dar conta disso.

Ele não pode vender a terra, porque a terra não é mercadoria. E segundo, foi uma vitória que tivemos na Constituição Brasileira, com um instrumento jurídico chamado concessão de uso com direito à herança. Fizemos todo um trabalho para convencer o assentado de que ele aceite isso, mas é opcional.

O Incra, ao invés de dar o título de propriedade privada (e daí ele pode vender), dá o título de concessão de uso. Não pode vender, mas pode deixar para os filhos. O movimento, como linha política, estimula que o assentado tenha esse título e não possa vender.

Voz da Comunidade - Como fazer com que nos acampamentos valores capitalistas e valores como o machismo, por exemplo, não sejam reproduzidos?

Stédile - Isso é uma luta permanen-



Stédile sendo entrevistado pelos alunos

te. Procuramos difundir valores da solidariedade, da fraternidade, mas sabendo que é uma luta permanente porque um militante do MST não é um ser estranho na sociedade. Ele sofre todas as influências da televisão, da sociedade.

Voz da Comunidade - Como o MST se relaciona com as terras dos povos indígenas?

Stédile - Com total respeito. Na medida do possível, nós fazemos campanha, ajudando os índios. Há regiões do Brasil em que eles ainda não demarcaram terra porque eles são muito poucos.

Aí a burguesia aproveita. Em algumas regiões nós, inclusive, ajudamos a retomarem a terra deles, vamos todos juntos. Porque a força do povo está no número de pessoas. Tem áreas que é muito difícil. Só com uma mudança na sociedade elas serão recuperadas.

Voz da Comunidade - Em Cambonhas, Niterói, indígenas estão acampados exigindo que o local, um sambaqui, um lugar sagrado para eles seja reconhecido como deles...

Stédile - Há uma questão de princípio. Terra indígena é de índio, nós estamos ainda devendo a eles. A gente tem que dar, a terra é deles. Só que a questão indígena também não é só uma questão de direitos, é de correlação de forças. Eles foram tão massacrados, que não tem mais índio.

Agora, se houvesse um milhão de índios fazendo uma passeata em Copacabana dizendo "essa praia é nossa", os branquelos de Copacabana iam ter que torcer o nariz. Mas, como são poucos...

SAMBA: RESISTÊNCIA CULTURAL

Quem não gosta de samba?

Todo carioca deveria conhecer a Pedra do Sal

Cynthia Rachel Lima

Passando por pequenas vielas, sempre muito cheias de gente. Um cheiro de maresia vindo do cais. Pessoas bebem. Fumam. Namoram. Conversam. São diferentes sorrisos, rostos nada semelhantes. O som é a única melodia que une as massas. E, mais caminhada. Já se pode ouvir o som do cavaco, pandeiro e vozes múltiplas. Nas curvas desta rua cheia de paralelepípedo está localizado o 'samba da pedra do sal'.

Tradição do samba implantada por escravos que ali chegaram, o lugar carrega consigo um histórico de grandes emoções. Nestas bandas passaram príncipes, princesas, pessoas que deixaram suas marcas na história do Brasil. Agora este lugar passa a ser um patrimônio histórico cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Difícil é resistir a essa tentação que só acontece às segundas-feiras na famosa pedra localizada no reduto boêmio da Praça Mauá, que reúne cerca de cem pessoas vindas do trabalho no grande centro e adjacências. Embalado pelo som do grupo musical Batuque na Cozinha, o samba começa sempre às 18h e termina pontualmente às 24h, respeitando o dia seguinte de trabalho.

No local, há um bar que coordena a roda de samba, e serve prontamente quem chega. Quem conhece, aprova, volta trazendo mais amigos. A mineira Raika Julie Móises, freqüentadora do samba há quase dois anos, disse em poucas palavras que sensação igual não há.

- Todo carioca deveria conhecer esse lugar, isso porque poucos conhecem. É mágico, não dá para explicar, só sentindo - disparou, ao som do barulhinho bom que embalava o local.

Além do samba, a pedra do sal oferece a quem chega longas histórias. A arquitetura dos grandes



Carybé foi um pintor, gravador, desenhista, ilustrador, ceramista, escultor, muralista, pesquisador, historiador e jornalista argentino naturalizado e radicado no Brasil

casarões construídos por escravos foi preservada com o passar dos anos.

As segundas-feiras são preciosas. O samba da pedra para os que a freqüentam é como uma religião, quase impossível de não seguir os mandamentos.

Na virada da esquina: um samba

Só o Rio de Janeiro esconde nas mais encantadoras esquinas a tradição do samba. Ainda no Centro da Cidade, os amantes do ritmo podem curtir a roda de 'Samba do Ouvidor', na Rua do Ouvidor, o mais novo point que arrebatou multidões nos encontros de sábados à tarde.

Não há como explicar a exaltação das pessoas com o samba, o proibido som que longe ecoava a batida dos tambores. O que se sabe de fato é que este ritmo de batida forte veio da África e chegou ao Brasil através dos escravos que aportaram na Bahia. Com eles, também vieram a forma do ritual, o círculo para que todos pudessem receber a energia da roda e a dança.

E assim se faz o samba até hoje. Dentre os muitos sons que perpassam a indústria fonográfica, o samba é o que nunca sai de moda. Seja ele tocado na zona sul, passando pela zona portuária e terminando nos altos e baixos dos morros da zona norte. São preservados ainda os encontros populares de samba nas ruas e vielas de Madureira e adjacências.

O bairro da zona norte é o que melhor honra a história do samba, seja através dos festejos e feijoadas das quadras, os quintais das Tias Doca e Surica da Portela e Maria do Jongo. Ou ainda na grande comemoração do Dia Nacional do Samba, um evento que leva a multidão ao ápice da emoção ao sair da Central do Brasil num trem chamado carinhosamente de o "Trem do Samba" cujo destino é Oswaldo Cruz, coladinho com Madureira.

Porém, esta batucada brasileira é um divisor de águas, está mais do que provado que este ritmo anteriormente banido, massacrado e perseguido por policiais a mando dos burgueses contrários ao festejo feito pelos negros hoje faz parte das diversas classes sociais.

Isso é Rio de Janeiro! E dessa maneira, o carioca não trava barreiras para aproveitar o que de melhor a cultura popular têm para oferecer. E, por mais que as cantigas de samba sejam sempre de referência às histórias das classes populares - amores, lamentos e dificuldades - soa bem a qualquer ouvido. Até mesmo quem não aprendeu o samba no colégio sabe admirá-lo.

As rodas estejam elas onde estiverem, tocam de Cartola a Ary Barroso, dois grandes nomes do samba. Daí a necessidade de afirmar o que todos já ouviram um dia "Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé".

SHEILA BENJAMIN



Onde Sambar

O Samba da Pedra do Sal
Rua Argemiro Bulção nº 38
(Praça Mauá).
Funcionamento:
sempre segunda-feira.
Hora: 18h

Samba do Ouvidor
Rua do Ouvidor s/nº - Centro
da Cidade
Funcionamento: sábado
Hora: 14h

Dia Nacional do Samba
Data: 02 de Dezembro
Concentração: Central do Brasil
- Centro do Rio de Janeiro
Os trens que levam os adoradores do samba saem de hora em hora, cada vagão leva o nome de uma escola de samba ou de um cantor homenageado.
Dispersão do samba: Oswaldo Cruz (Estação)